



UNIVERSIDADE TUIUTI DO PARANÁ

MESTRADO EM PSICOLOGIA

ÁREA DE CONCENTRAÇÃO PSICOLOGIA SOCIAL COMUNITÁRIA

IGNES FAUSTINO SCHUBER

PERCEPÇÃO DE VULNERABILIDADE E MECANISMOS DE ENFRENTAMENTO

UTILIZADOS POR ADOLESCENTES EM SITUAÇÃO DE RUA

CURITIBA

2014

UNIVERSIDADE TUIUTI DO PARANÁ
MESTRADO EM PSICOLOGIA
ÁREA DE CONCENTRAÇÃO PSICOLOGIA SOCIAL COMUNITÁRIA

IGNES FAUSTINO SCHUBER

PERCEPÇÃO DE VULNERABILIDADE E MECANISMOS DE ENFRENTAMENTO
UTILIZADOS POR ADOLESCENTES EM SITUAÇÃO DE RUA

Artigo apresentado ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Tuiuti do Paraná, como requisito à obtenção do título de Mestre em Psicologia - Área de Concentração: Psicologia Social Comunitária.
Orientadora: Profa. Dra. Ana Claudia Wanderbroocke

CURITIBA

2014

AUTORIZO A REPRODUÇÃO E DIVULGAÇÃO TOTAL OU PARCIAL DESTE
TRABALHO, POR QUALQUER MEIO CONVENCIONAL OU ELETRÔNICO,
PARA FINS DE ESTUDO E PESQUISA, DESDE QUE CITADA A FONTE

Dados Internacionais de Catalogação na Fonte
Biblioteca “Sydney Antonio Rangel Santos”
Universidade Tuiuti do Paraná

S884 Schubert, Igenes Faustino

Percepção de vulnerabilidade em mecanismo de enfrentamento utilizados por adolescentes em situação de rua/ Igenes Faustino Schubert; Prof^ª.dr^ª. Ana Claudia Wanderbroocke. - Curitiba: UTP, 2014.

38f.

Dissertação em formato de artigo (Mestrado) – Universidade Tuiuti do Paraná, Curitiba, 2014.

1. Adolescência. 2. Vulnerabilidade social. 3. Fatores de risco.

4. Estratégias de enfrentamento. I. Dissertação em formato de artigo (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação, em Psicologia/ Mestrado em Psicologia.

CDD – 155.5

"Barbárie é pensar que nada faço para que o outro morra, mas barbárie é pensar que nada faço para que ele viva".

Adorno (2000)

AGRADECIMENTOS

Aos meus pais, por terem me dado educação, construído valores e ensinado a andar por mim mesma.

A meu pai, Sr. Domingos (*in memoriam*), onde quer que esteja sei que nunca deixou de me amar e confiar em mim. A minha mãe, dona Maria, um amor incondicional. A vocês que muitas vezes renunciaram muitas coisas para que eu pudesse realizar meu sonho.

Aos meus Filhos, Alessandro Junior, Julio César, Julianna e Thomaz Juliann, por me compreenderem e apoiarem em todos os momentos.

Não deixo de agradecer ao fundador desta Universidade, Professor Doutor Sidney Lima Santos (*in memoriam*), pelo apoio recebido ainda em minha graduação em Psicologia.

A todos os meus familiares, irmãos e irmãs e principalmente, a Marilene Faustino, por ter me apoiado de forma incondicional, mesmo durante meu adoecimento, com muita atenção e amor.

Aos amigos que Deus colocou em minha vida, para os quais sei que posso contar até hoje.

A Profa. Dra. Ana Cláudia Wanderbroocke, minha orientadora, exemplo profissional, por não ter permitido que eu interrompesse o processo. Pela confiança, por ler meus textos, corrigir, por me aconselhar e ter confiado em mim tornando-se mais que uma orientadora, uma grande amiga.

Aos professores, funcionários e colegas da Universidade Tuiuti do Paraná (UTP), em especial à Profa. Dra. Marilene Zazula, Profa. Dra. Roberta Kafroune, Profa. Dra. Maria Sara Dias, Profa. Dra. Denise Camargo. E ainda a Profa. Dra. Paula Inez Gomide, Coordenadora do Curso de Mestrado da UTP.

Com vocês, queridos, divido a alegria desta experiência.

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	6
RESUMO	8
ABSTRACT	9
INTRODUÇÃO	9
MÉTODO	18
PARTICIPANTES	18
LOCAL	19
INSTRUMENTO	19
PROCEDIMENTOS	19
ANÁLISE DOS DADOS	20
RESULTADOS E DISCUSSÃO	20
PROCESSO DE MIGRAÇÃO PARA AS RUAS	21
PERCEPÇÃO DE VULNERABILIDADE SOCIAL	23
ESTRATÉGIAS DE ENFRENTAMENTO BASEADAS NO PROBLEMA	25
ESTRATÉGIAS DE ENFRENTAMENTO BASEADAS NAS EMOÇÕES	28
CONSIDERAÇÕES FINAIS	31
REFERÊNCIAS	33
ANEXOS	336

APRESENTAÇÃO

A presente pesquisa partiu das inquietações surgidas no início de minha graduação, quando escolhi desenvolver meu trabalho em comunidades carentes em Curitiba. Fui fundadora e coordenadora do Projeto Crer desde 1987, fundada para oferecer atendimento para adolescentes, vitimados em suas famílias e comunidades por apresentarem comportamento e manifestações de indisciplina, violência, desinteresse e consumo de drogas.

Neste contexto, encontrei na população adolescente formas de atuação que denunciam as condições precárias de individuação desses jovens, uma vez que os mesmos se lançam em situações-limite. A atuação do adolescente é entendida, na maioria das vezes, como patológica e ameaçadora, provocando a exclusão dessa população. A partir dessas observações optei por entender os aspectos psíquicos, sociais e econômicos que levam os adolescentes a migrar para as ruas, a sua percepção de vulnerabilidade social em que estão expostos e ainda, as estratégias de enfrentamento que os mesmos utilizam para suas sobrevivências nas ruas.

Para tanto, foi realizada uma pesquisa qualitativa, iluminada por alguns depoimentos de adolescentes que foram destacados ao longo do contato da pesquisadora com os grupos de adolescentes participantes desta pesquisa. O objetivo do estudo consistiu em buscar uma fundamentação teórica que permitisse a articulação das questões internas (subjetivas) e externas (culturais), para compreender a visão dos mesmos. Com a pesquisa tive o propósito também de pensar em que medida a educação não formal (social, saúde) poderia se articular com a educação formal no sentido de permitir que o adolescente encontrasse seu sociedade, sem, contudo “arrombá-la”.

As teorias e os dados apresentados no trabalho, fruto da pesquisa entre os adolescentes enquanto indivíduos, sua cultura (segundo as abordagens psicológica e social) e as diferentes formas de educação recebida (família, escola e instituições) trouxeram à luz a

necessidade de se repensar nos trabalhos da Educação e Saúde Mental, bem como nas políticas públicas que contemplem essa população de meninos e meninas em situação de rua, primeiramente, junto aos profissionais que atuam com os jovens. Esses trabalhos teriam como um dos principais pressupostos, o resgate das histórias desses indivíduos, de modo a reposicioná-los diante de uma dada realidade social, embasada numa ética que garanta condições para o desenvolvimento biopsicossocial dos adolescentes em situação de vulnerabilidade social. E, ao mesmo tempo, não desapropriem estes meninos e meninas de seus direitos adquiridos, por Lei, por meio do Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA, 1990).

Percepção de vulnerabilidade e recursos de enfrentamento utilizados por adolescentes em situação de rua

Resumo

A pesquisa teve como objetivo identificar a percepção de vulnerabilidade e os recursos de enfrentamento utilizados por adolescentes em situação de rua, por meio de pesquisa qualitativa. Partiu-se dos pressupostos da Psicologia Social Comunitária no que diz respeito ao compromisso com a realidade social, por compreender que todo ser humano é produzido em sua relação com os espaços sociais em que vive. Os dados foram coletados por meio de entrevistas semiestruturadas com 10 adolescentes do sexo masculino com idades entre 12 e 17 anos, abordados nas cercanias de praças no centro da cidade de Curitiba-PR. As entrevistas foram submetidas à análise de conteúdo que orientou a organização dos dados para a discussão das categorias: processo de migração para as ruas; percepção de vulnerabilidade; estratégias de enfrentamento baseadas no problema; e estratégias de enfrentamento baseadas na emoção. Discutiu-se as questões relacionadas aos motivos apresentados para a migração para as ruas, como problemas familiares, o trabalho nas ruas com ou sem os familiares e a falta de alternativas na comunidade de origem dos adolescentes. As estratégias de enfrentamento, apesar de presentes, mostraram-se insuficientes para promover a transformação da realidade dos adolescentes de forma a reduzir os riscos vivenciados e orientá-los para a perspectiva de vida por eles almejada.

Palavras-chave: Adolescência, vulnerabilidade social, fatores de risco, mecanismos de enfrentamento.

Abstract

The research aimed to identify the perception of vulnerability and coping resources used by teenagers on the streets, through qualitative research. Broke the assumptions of Community Social Psychology in relation to its commitment to social reality, by understanding that every human being is produced in its relationship with the social spaces in which they live. Data were collected through semi-structured interviews with 10 male adolescents aged between 12 and 17 years old, approached the outskirts of squares in the city center of Curitiba-PR. The interviews were subjected to content analysis that guided the organization of data for discussion of categories: migration to the streets; perception of vulnerability; coping strategies based on the problem; and coping strategies based on emotion. We discussed issues related to the reasons given for migration to the streets, like family problems, work on the streets with or without the family and the lack of alternatives in the community of origin adolescents. Coping strategies, although present, were insufficient to promote the transformation of the reality of adolescents in order to reduce risks and experienced guide them to the prospect of life desired by them.

Keywords: Adolescence, social vulnerability, risk factors, coping strategies.

INTRODUÇÃO

Entre os diversos problemas sociais que o país enfrenta na atualidade encontram-se crianças, adolescentes e adultos que vivem em situação de rua. Estudos apontam que elevado número dessa população permanece nas ruas apesar de existirem políticas públicas para enfrentar a questão, mas mesmo assim o problema ainda persiste.

De acordo com a Política Nacional de Inclusão Social da População em Situação de Rua (Brasil, 2008, p.3) caracteriza-se esse grupo como:

A parcela da população que faz das ruas seu espaço principal de sobrevivência e de ordenação de suas identidades. Estas pessoas relacionam-se com a rua, segundo parâmetros temporais e identitários diferenciados, vis-à-vis os vínculos familiares, comunitários ou institucionais presentes e ausentes. Em comum possuem a característica de estabelecer no espaço público da rua seu palco de relações privadas.

Apesar de não ser possível conhecer a quantidade exata de pessoas que se encontram entre os que vivem em situação de rua, o Conselho Nacional dos Direitos da Criança e do Adolescente (CONANDA), em parceria com a Secretaria de Direitos Humanos estima que além dos adolescentes internados em abrigos, estão também aqueles privados dos direitos da convivência familiar e comunitária, que formam um contingente em torno de 24 mil meninos e meninas em todo o país (Brasil, 2006; Brasil, 2011). Destes, 70% vendem balas e frutas, engraxam sapatos, lavam carros, separam material reciclável no lixo, pedem dinheiro ou simplesmente perambulam pelos centros das grandes cidades.

A situação de crianças e adolescentes vivendo nas ruas faz parte e se mostra como uma consequência do sistema capitalista que se configura não só justificada na economia, mas na relação multideterminada de fatores. Venâncio (2008) considera a rua como espaço de moradia e sobrevivência no Brasil, é um fato constatado desde o período colonial. O Relatório da Fundação Internacional de Emergência das Nações Unidas para a Criança (UNICEF/2011) aponta que dois fatores importantes afetam o desenvolvimento dos meninos e meninas em

situação de rua: as vulnerabilidades produzidas pelo contexto social e as desigualdades resultantes dos processos históricos de exclusão e discriminação social.

O problema da população em questão tem sido debatido internacionalmente como um desafio que demanda solução urgente na medida em que parece se agravar e atingir significativa parcela de uma população empobrecida em todo o mundo. Neste sentido, o Brasil tem sido apontado como um dos países onde o fenômeno atingiu uma das mais dramáticas dimensões.

Rizzini (2007) afirma que as crianças e adolescentes mantidos à margem da sociedade crescerão sem que, ainda em tempo, tenham tido a oportunidade de experimentarem a garantia de condições básicas e necessárias para assegurar um desenvolvimento humano saudável, que sem dúvida alguma é um de seus direitos básicos e primordiais. Além disso, a autora aponta que os direitos mais elementares desses indivíduos têm sido cruelmente violados quando são privados do contato com suas famílias nesse período tão importante de suas vidas; quando não têm o direito ao acesso a uma educação capaz de mudar suas vidas e quando também são forçadas a trabalharem e a lutarem pela sua própria sobrevivência e subsistência humana, desde os primeiros anos de suas vidas.

Para se estudar os adolescentes em situação de rua e a vulnerabilidade social que faz parte da vida desses indivíduos, primeiro é necessário teorizar sobre o conceito de adolescência. É, pois, um fenômeno presente em todas as sociedades, no entanto, hegemonicamente, é um conceito que carece de esclarecimento universal, visto que se constitui a partir de determinadas influências históricas e políticas que ocorrem dentro da trama social (Becker, 1994).

A adolescência aparece como objeto de estudo da Psicologia a partir do Século XX, sob a influência das Teorias Psicanalíticas e Psicológicas, que discutiam o comportamento patológico do adolescente (Ávila, 2005). Para Coimbra e Nascimento (2003), a adolescência

surge como objeto exacerbado por uma série de atributos psicologizantes e mesmo biologizantes. As práticas baseadas nos conhecimentos da medicina e da biologia, em especial, vêm afirmando que determinadas mudanças hormonais, glandulares, corporais e físicas pertencentes a essa fase seriam responsáveis por algumas das características psicológico-existenciais próprias do adolescente. Essas características são percebidas como essência onde, as qualidades e os defeitos como rebeldia, desinteresse, crise, instabilidade afetiva, descontentamento, melancolia, agressividade, impulsividade, entusiasmo, timidez e introspecção se tornam sinônimos constituindo uma "identidade adolescente".

Segundo Kafrouni (2009) pode-se encontrar diversas concepções sobre jovens e adolescentes, tanto na literatura acadêmica, como dentro das políticas públicas e no senso comum. O Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA, 1990) estabelece que a criança é uma pessoa com até 12 anos de idade incompletos e o adolescente, aquela entre 12-18 anos de idade, incompletos.

Porém, a adolescência pode ser apreendida sob uma perspectiva social, a qual de coaduna com a perspectiva desta pesquisa. De acordo com Ozella e Aguiar (2008), a adolescência é constituída como um significado na cultura e na linguagem da vida do ser humano, que permeia também as relações sociais. Quando se define a adolescência como isto ou aquilo, se está atribuindo significações (interpretando a realidade), com base em realidades sociais, marcas e significações essas que serão referências para a constituição dos sujeitos. Estes mesmos autores afirmam ainda que desde os anos 90 existe uma associação da imagem do jovem à violência, às drogas e ao individualismo. Estas interpretações contribuem para formação da visão de um jovem naturalizado, desconsiderando sua realidade social e histórica. Ainda segundo o entendimento Ozella e Aguiar (2008, p.12), a análise da sociedade na qual o jovem se constitui não é considerada:

[...] a manutenção das concepções de adolescência como um período naturalmente de crise cumpre o papel ideológico de camuflar a realidade, as contradições sociais, as verdadeiras mediações que constituem tal fenômeno.

Pesquisas como as que foram realizadas por Noto *et al.* (2008) e Pereira (2009) vem descrevendo que as crianças e os adolescentes em situação de rua provêm de famílias pobres e desestruturadas e, geralmente, vivem sozinhos desde muito cedo. Alguns desses indivíduos aprendem a cuidar de si mesmos nas ruas, desenvolvendo responsabilidades não características para suas faixas etárias, como trabalhar e cuidar de crianças menores. Também foi notado que muitas das crianças e dos adolescentes têm suas famílias e vão à escola, mas usam a rua como um espaço lúdico e provedor do sustento (Noto *et al.*, 2008). Relatam que a rua torna-se um ponto de fuga de situações insuportáveis vivenciadas em sua casa e ainda dizem que para esses meninos e meninas deslocar-se de situações de conflitos em casa, migrando para as ruas significa que a rua se torna seu ponto de sobrevivência.

Pereira (2009) afirma que crianças e adolescentes em situação de rua vivem em condição de completa vulnerabilidade social, marcadas pelo abandono ou afastamento do convívio familiar. Para o autor, se deve compreender, antes de tudo, que essa vulnerabilidade aborda diversas modalidades de desvantagem social, mas, principalmente, a fragilização dos vínculos afetivos, relacionais e de pertencimento. Da mesma maneira, autores, como Milani (1991) e Pereira (2009) consideram que as relações em contextos de vulnerabilidade social geram crianças, adolescentes e famílias passivas e dependentes, com uma autoestima consideravelmente comprometida. Estes jovens e suas famílias passam a naturalizar atributos negativos pessoais às falhas próprias de sua condição histórico-social. De forma circular e quase inevitável este ciclo se instala reforçando uma condição de miséria permanente e irreversível, não só no nível material, como também no nível afetivo. Essas pessoas, em geral,

desde muito jovens, percebem-se como muito inferiores, incapazes, desvalorizadas, sem um reconhecimento social mínimo que as faça crer no seu próprio potencial como ser humano.

Para Menezes e Aquino (2009), a sobrevivência de crianças e adolescentes, criticamente, pode-se dizer que depende das interações sociais, sendo a natureza, a qualidade e a efetividade destas, determinada, entre outros fatores, pelo repertório interpessoal do indivíduo e, simultaneamente, determinante no desenvolvimento desse repertório. Para as autoras, a adaptabilidade do ser humano na luta cotidiana pela sobrevivência depende, dentre outros aspectos, do uso e da adequação das estratégias às demandas impostas pelas mais diferentes situações vivenciadas.

A análise dos trabalhos desenvolvidos por autores como Donald (2006) e Teixeira e Rodrigues (2009) indica que a flexibilidade e as habilidades presentes em crianças e adolescentes, para sobreviverem nas ruas, decorrem da necessidade de se auto-adaptarem às condições adversas a que enfrentam diariamente (sem que tenham poder, recursos físicos ou psicológicos no seu manejo). Isto pode levar à adoção de estratégias oportunistas, como mentir e enganar, conduzindo esses indivíduos a respostas pouco adaptativas, como autointoxicar-se, fugir de casa e mesmo dos paradeiros nas ruas em vista do perigo, adotar crenças pouco realistas e extremamente prejudiciais ao seu desenvolvimento, contribuindo assim para o aumento de sua própria vulnerabilidade nos meios onde estão inseridas (Campos, Del Prette & Del Prette, 2000).

Koller (2007) e Rizzini (2007) indicam que crianças e adolescentes em situação de rua são seres humanos em desenvolvimento, que apresentam características psicológicas sadias, apesar dos obstáculos impostos pelo ambiente hostil na qual convivem e estão inseridos, enfatizando que ainda assim, a vida nas ruas pode facilitar e promover o desenvolvimento desta população.

Diante desta realidade pretende-se identificar a percepção da existência de vulnerabilidade sob a ótica dos adolescentes em situação de rua e as estratégias de enfrentamento para a sobrevivência nas situações que perpassam seu cotidiano.

Lazarus e Folkman (1986), Koller e Raffaelli (2008) apontam que as estratégias de enfrentamento podem ser divididas em dois grupos: focalizadas no problema e focalizadas na emoção. As estratégias de enfrentamento focalizadas no problema descrevem os esforços para atuar na situação de origem do estresse e assim tentar alterá-la. Se direcionada para uma fonte externa, envolve estratégias como pedir ajuda ou negociar determinado conflito. Essa estratégia também pode ser interna, um exemplo seria a redefinição da situação estressora. As estratégias de enfrentamento focalizadas na emoção abarcam em reunir esforços para regular o estado emocional associado ou resultante de uma fonte de estresse. Estão relacionadas a um nível somático ou de sentimentos para alterar o estado emocional do indivíduo, como, por exemplo, fumar, comer ou desabafar com um amigo.

Ao se deparar com uma fonte estressora a pessoa inicialmente avalia o risco envolvido e os recursos de que dispõe para o enfrentamento. Geralmente, quando utiliza a estratégia focalizada no problema é porque a situação já foi avaliada como modificável. Contudo, quando avalia que não é possível mudar no momento a tendência é empregar estratégias focadas na emoção. Cabe ressaltar aqui que o enfrentamento é um processo e ambas as estratégias são utilizáveis no seu percurso, assim como podem variar de acordo com dada situação, o que torna difícil prever qual delas será empregada, até porque dependerá das circunstâncias.

Já o conceito de vulnerabilidade vem sendo discutido no campo da saúde coletiva como um recurso utilizado para a transformação das práticas de saúde, uma vez que possibilita articular entre o individual e o coletivo. Esse conceito provém dos Direitos Humanos e foi introduzido na área da saúde aproximadamente na década de 1980, a partir de

estudos realizados sobre a epidemia da Sida/AIDS no Brasil. Embora seja empregado sob as diversas perspectivas, o que alcançou maior consenso é o modelo teórico proposto por Ayres *et al.* (1999).

Nesse padrão consideram-se três planos interdependentes de determinação, primeiro, a vulnerabilidade individual, que está relacionada com o comportamento pessoal, o grau e à qualidade das informações que os indivíduos dispõem sobre os problemas de saúde, sua elaboração e sua aplicação na prática; segundo, a vulnerabilidade social, relacionada com as influências do contexto social onde a pessoa se insere e avalia a obtenção das informações disponíveis, o acesso aos meios de comunicação, a disponibilidade de recursos cognitivos e materiais e o poder de participar das decisões políticas e institucionais; terceiro, a vulnerabilidade programática, que considera os programas de atendimento à saúde ou as políticas públicas para combater determinado agravo à saúde, além do grau e qualidade de compromisso das instituições, dos recursos, da gerência e do monitoramento dos programas nos diferentes níveis de atenção (Milani, 1991; Menezes & Aquino, 2009).

O conceito de vulnerabilidade social utilizado neste trabalho é usado em contraposição ao de “grupos de risco” (Guareschi, Reis, Huning & Bertuzzi *et al.*, 2007). Sendo assim, enquanto a noção de grupos de risco tende individualizar e personificar a adversidade vivida, relacionando-a como uma questão de conduta, a perspectiva de vulnerabilidade social propõe entendê-la como resultado de um processo social que remete à condição de vida e suportes sociais.

No caso da população infanto-juvenil Malvasi (2008) afirmou que a vulnerabilidade está associada a alguns aspectos negativos, como, por exemplo: a falta de garantia dos direitos e oportunidades nas áreas da educação, saúde e proteção social; envolvimento com drogas e situações de violência (doméstica e comunitária); situação de rua, o trabalho infantil, dentre outras.

Sendo assim, muitos são os estudos que tratam das consequências negativas ao desenvolvimento do adolescente, desencadeadas pela situação de rua (Raffaelli, 1999; Smelser & Baltes, 2001; Ronin & Greenbaum, 2008; Morais, Neiva-Silva & Koller, 2010), assim como os estudos que mostram as estratégias de resiliência destes para conseguir sobreviver às adversidades que esse contexto lhes impõe (Aptekar, 1994; Ennew, 1994; Dugan & Coles, 1989; Morais, Koller & Raffaelli 2010). No entanto, tem-se verificado entre estudos que tratam do desenvolvimento de crianças ou adolescentes em situação de rua, a necessidade de se voltar o olhar (em termos teóricos e de intervenção) para as condições de vida que antecedem a vinda para a rua, uma vez que as adversidades vividas ainda no contexto familiar, escolar e comunitário podem estar motivando e justificando a escolha pela rua em algum momento de suas vidas (Morais, Neiva-Silva & Koller, 2010). Dessa forma, agir sobre os fatores que aumentam a vulnerabilidade potencializa a capacidade de enfrentamento das pessoas. No entanto, ao analisar a origem dos problemas de saúde em sua ampla complexidade, as saídas possíveis extrapolam as propostas individualizantes. Portanto, seguindo o raciocínio dos autores supracitados, trabalhar nessa mesma perspectiva significa desenvolver respostas sociais aos agravos e viabilizar a participação ativa da população na busca solidária de estratégias e encaminhamentos aos problemas e necessidades em saúde.

O presente trabalho adotou os pressupostos da Psicologia Social Comunitária no que diz respeito ao compromisso com a realidade social, por compreender que todo ser humano é produzido em sua relação com os espaços sociais em que vive. Nesta perspectiva, o ser humano se constrói e se constitui a partir das relações que estabelece com as pessoas (Guareschi, 2001). A Psicologia Social Comunitária privilegia os trabalhos realizados junto às camadas populares permitindo e oportunizando-as a pensar sobre si e sobre a coletividade na qual estão convivendo, dando às pessoas possibilidades de se reconhecer a si, ao outro e

também a desvelar o que se desconhece frente ao contexto de dominação vivido cotidianamente (Abramo *et al.*, 2010).

Portanto, identificar quais as situações que estão associadas às vulnerabilidades, a partir da ótica do adolescente que vive em situação de rua e dos recursos de enfrentamento por eles utilizados, pode fornecer subsídios teóricos para a orientação de profissionais que atuam com os adolescentes nessa situação, além de gerar dados empíricos que proporcionem uma maior reflexão sobre a população de adolescentes em situação de vulnerabilidade no Brasil.

Método

PARTICIPANTES

Na realização deste trabalho participaram da pesquisa 10 (dez) adolescentes do sexo masculino, entre 12 e 17 anos e vivendo em situação de rua. Foram identificados pela pesquisadora por suas características exteriores, tais como: aspecto do abandono nas vestimentas e a falta de higiene corporal, por estarem em locais públicos realizando atividades como guarda de carros, vendas de pequenos produtos ou solicitação de favores. A entrevista foi realizada entre novembro e abril de 2013, em Curitiba, Estado do Paraná, Brasil.

Tabela 1: Adolescentes participantes

	NOME	IDADE	TEMPO QUE ESTÁ NA RUA	SITUAÇÃO FAMILIAR
01	Jorge	16	8 anos na rua	Mora com tios
02	Bruno	15	Não soube responder	Mãe e padrasto
03	Edemilson	13	6 anos	Pai e Mãe
04	Edilson	14	5 anos	Mãe
05	João	16	Não soube responder	Pai e irmãos
06	Tales	13	Não soube responder	Tios
07	Antonio	14	Não soube responder	Mãe
08	José	13	5 anos	Mãe
09	Carlos	14	Não soube responder	Pai e Madrasta
10	Renato	16	Não soube responder	Mãe

Fonte: Entrevistas realizadas pela autora (2013).

LOCAL

Os adolescentes foram abordados em comunidades de baixa renda e no centro da cidade de Curitiba, Estado do Paraná, Brasil, nas cercarias de praças da cidade e nos estacionamentos, locais estes onde essa população de meninos em situação de rua costuma permanecer para fazer suas atividades (assistir televisão nas lojas, pedir dinheiro, alimentos, entre outros), próximo ao comércio noturno ou dos pontos de ônibus.

INSTRUMENTO

Utilizou-se de entrevista semiestruturada, que foi realizada tomando como base um roteiro envolvendo os seguintes tópicos: levantamento de dados sociodemográficos, motivos para permanecer nas ruas, dificuldades e riscos que percebem e como os enfrentam, os meios de sobrevivência, as atividades desenvolvidas e as relações estabelecidas com as pessoas e com as instituições.

PROCEDIMENTOS

Em uma etapa inicial, que durou aproximadamente um mês, a pesquisadora entrou em contato com os adolescentes para familiarizar-se com a situação destes grupos, estabelecendo assim as primeiras aproximações e conversas informais.

Durante os contatos fez-se o convite para que participassem da pesquisa e ao demonstrarem interesse a pesquisadora levantou a situação do vínculo familiar dos adolescentes. Se eles afirmassem estar próximos a família seria solicitada a permissão para que a pesquisadora estabelecesse contato com o seu responsável, a fim de expor os objetivos da pesquisa e solicitar o seu consentimento quanto à participação do adolescente na pesquisa, por meio da assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE). Porém, em nenhum caso foi identificada a presença de familiares e, sendo assim, foi solicitado a cada um que assinasse o TCLE. Após este procedimento era definido com o mesmo o local de sua preferência para a realização da entrevista. As entrevistas foram realizadas em locais públicos, como bares e lanchonetes que oferecessem condições para sua realização, cada adolescente

participou de uma entrevista individual, com aproximadamente 40 minutos de duração, em média, que foram gravadas em áudio para posterior análise.

ANÁLISE DOS DADOS

O conteúdo das entrevistas foi submetido à análise de conteúdo (Bardin, 1979). O processo de análise levou em consideração as etapas: a) pré-análise: o pesquisador fez uma leitura flutuante, atividade na qual se estabeleceu o primeiro contato com as transcrições a serem analisadas, deixando-se tomar contato exaustivo com o material; b) exploração do material: codificação, ou seja, é o processo pelo qual os dados brutos são transformados sistematicamente e agregados em unidades que foram, tanto estabelecidas *a priori* e *a posteriori* permitiram uma descrição sobre as características pertinentes ao conteúdo; c) tratamento dos resultados: nesse momento efetuou-se a inferência e sua respectiva interpretação: etapa esta que permitiu ao pesquisador, a partir dos dados codificados, propor inferências e interpretações sobre o propósito dos objetivos previstos, ou que dissessem ou induzissem para outras descobertas inesperadas.

Neste estudo as três categorias de análise, migração para as ruas, percepção de vulnerabilidade e estratégias de enfrentamento (baseadas no problema e na emoção), foram estabelecidas *a priori* e, as subcategorias, foram provenientes das falas dos participantes, portanto, estabelecidas *a posteriori* (Quadro 1).

RESULTADOS E DISCUSSÃO

O Quadro 1 apresenta a organização das categorias e das subcategorias que serão discutidas na sequência.

Quadro1: Categorias e subcategorias

CATEGORIAS	SUBCATEGORIAS
Processo de migração para as ruas	Problemas familiares Trabalho nas ruas com ou sem familiares Falta de alternativa na comunidade de origem
Percepção de vulnerabilidade	Risco de morte Falta de perspectiva de futuro Envolver-se com drogas Sofrer violência Cometer infrações/ser preso Ficar doente
Estratégias de enfrentamento baseadas no problema	Fazer amizade para obter proteção Fazer pequenos serviços Buscar abrigos informais Aprender as regras da rua Buscar rede de proteção da comunidade
Estratégias de enfrentamento baseadas na emoção	Apoio na religião Resgatar modelos familiares Ideia de mudança Drogas como alívio para o sofrimento

Fonte: Entrevistas realizadas pela autora (2013).

PROCESSO DE MIGRAÇÃO PARA AS RUAS

Buscou-se descrever os motivos apontados pelos participantes da pesquisa para estarem vivendo em situação de rua. As falas apontaram para a existência de problemas na família tais como: viverem em situação de pobreza e/ou emocionalmente desestruturados, onde, frequentemente, são vítimas da violência física, psicológica e da perda prematura da mãe ou do pai.

A dona eu vim para as ruas porque meu padrasto não gosta de mim, ele me batia muito em casa e minha mãe também apanha dele, estou nas ruas desde os 7 anos, quando já vinha para cá com minha mãe, ai meu pai morreu e minha mãe amigou

com este traste aí, o Pedro. Vou para a escola na parte da manhã, para receber o dinheiro do governo, sabe. (Renato, 16 anos)

Em casa não dá para ficar, lá tem muita gente, a casa só tem duas peças, a casa não é só da minha mãe, mora minha tia e meus primos, a gente é pobre, tem dias que não tem comida para todos, então, a gente tem que sair e vir para cá, vender balas e catar latinhas para vender e comprar “rango”, minha mãe também vem para as ruas catar papel, eu não tenho pai e nem conheço, ele morreu tinha só um ano” (Tales, 13 anos).

Em consonância com os dados do presente estudo, Noto et al. (2008) e Botelho et al. (2008) analisaram que o processo migratório, do contexto familiar para as ruas, se dá como a fuga de situações estressantes como pobreza e maus tratos. No entanto, chegando nesses ambientes o adolescente, uma vez desacompanhado, as situações de rua passam a representar extremo sofrimento psicossocial e as desapropriam dos direitos definidos pelo Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA, 1990), expondo-os à maior vulnerabilidade psicossocial e a uma enorme diversidade de situações de risco, como uso de drogas e violência sexual.

Outro motivo apresentado para estarem vivendo em situação de rua foi a transição gradativa entre o acompanhar um adulto que trabalhava nas ruas ou serem incentivados a buscar trabalho nas ruas para ajudar na renda familiar e, gradativamente, irem se ambientando e permanecendo cada vez mais, por períodos mais prolongados nas ruas.

Vim para as ruas vender picolé, aí fui vindo com os piás, matava a aula, aí sabe, fui ficando por aqui, não ia para a aula porque já viu. Quando eu chegava na aula levava suspensão. Ai vinha uma semana para a rua e outra semana ia para a aula, até que enfim, fui ficando por aqui, pois em casa tem muita gente, não é só o menino de minha mãe, tem filhos de minha tia e já viu, a gente tem que se virar né? A gente tem que se virar em casa, comprar comida (Bruno 15 anos).

A falta de oportunidades nas comunidades de origem para o trabalho e para o lazer, também foram apontados como sendo fatores que levam os adolescentes a se distanciarem de suas casas e permanecerem mais tempo nas ruas. A seguinte narrativa exemplifica como este último fator aparece entrelaçado aos descritos.

Sempre vim para as ruas com minha tia catar papel e vender, não tenho mãe, ela morreu, aí vim para Curitiba, morar com minha tia, em casa tem muita gente dona e temos que ajudar a pagar as contas e aqui na rua a gente consegue ganhar um dinheiro, tem mais coisas para fazer, na vila onde moro não tem muita coisa para fazer. Lá em casa não tem muita coisa para fazer também e na vila onde moro também (Edemilson, 13 anos).

Morais et al. (2010), no seu trabalho com os meninos em situação de rua denunciam que as políticas públicas devem voltar seu olhar para a intervenção das adversidades vividas ainda no contexto familiar, na escolar e na comunidade. Dessa forma, se privilegiariam as ações promotoras do bem-estar social e, em muitos casos, o processo migratório para as ruas poderia ser evitado.

PERCEPÇÃO DE VULNERABILIDADE SOCIAL

Buscou-se identificar a percepção de vulnerabilidade social sob a ótica dos adolescentes que participaram desta pesquisa. Pelo relato dos mesmos, ficou claro que identificam uma série de situações para as quais são e estão totalmente vulneráveis. As mais citadas foram: risco de morte, de envolver-se com o uso ou tráfico de drogas, sofrer violência, cometer infrações e/ou ser preso, ficar doente e não ter uma perspectiva de futuro. Foi comum encontrar referência em mais de uma dessas situações na narrativa dos participantes, como ilustrado a seguir.

Aqui tudo é perigoso, tem muita droga por aqui, briga dos meninos, a polícia baixa, ai já viu a correria. Eu sei que posso morrer né, com uma bala que as polícias ficam atirando aí a doidera. Eu mesmo nunca vendi drogas, mas já usei né, sei que é

perigoso isto, mais tenho que ficar sempre antenado, ficar de boa com todos por aqui, pois não posso caçar encrenca senão eles podem até me matar (Renato, 16 anos).

Ah dona, aqui a gente não fica aí pensando o que vai acontecer ou não. A gente fica por aí alerta pro que der e vier. Não penso que vão me matar, não fico nesta noia não, a gente passa o dia de hoje e não tem jeito de pensar muito não. Se tá dormindo, pode vir um e te dar uma paulada e ninguém tá nem aí com a gente, pois por aqui nós somos maltratados. Vagabundo de rua já viu né dona, porque o povo que passa critica a gente, se você entra no ônibus fica todo mundo cismado e a gente tem que engolir porque senão já viu, a gente vai apanhar sem merecer (Antônio, 14 anos).

Venho para as ruas à tarde e finais de semana, aí fico por aqui mesmo, vou dormir na casa de um primo meu que mora no Parolin, aí a gente sai dar um “rolé” à noite. Gosto de ficar nas ruas, mas acho que isso aqui é perigoso, tem muita gente ruim por aqui e a vida é dura, mas eu quero estudar e ter um trabalho bom sabe? Para ajudar minha mãe e comprar uma casa (José, 13 anos).

A partir dos relatos pode-se notar que apesar de estar convivendo nas ruas e expostos aos riscos e ao sofrimento psicossocial, percebem as situações de perigo imediato e aquelas que os expõem as possibilidades de perdas futuras. Porém, perceber sua vulnerabilidade não é suficiente para manter sua integridade física e psicológica. A questão que se coloca diz respeito aos efeitos dessa condição de vulnerabilidade nas suas ações e na sua afetividade.

Silva et al (1998) colocam que é preciso compreender que toda a sobrevivência dos adolescentes em situação de rua depende criticamente de interações sociais, sendo a natureza, a qualidade e a efetividade destas fundamentais, ou seja, depende do repertório interpessoal do indivíduo. Para a autora, a adaptabilidade do ser humano, na luta cotidiana pela sobrevivência, depende entre outros aspectos, da adequação de estratégias impostas pelas diferentes situações vivenciadas.

Segundo Oliveira et al (2010), quando as crianças e os adolescentes percebem que enfrentam situações de risco desenvolvem naturalmente uma flexibilidade para o enfrentamento dos riscos, resultante da necessidade de adaptação às condições adversas. Porém, estes indivíduos nem sempre dispõem de recursos físicos e/ou psicológicos para tal, que os levam a um estado geral de decepções, frustrações e grande sofrimento que, conseqüentemente, adotam novas estratégias intermediárias adaptativas, mas temporárias e sem base, pouco convenientes e não resolutivas, tornando-se prejudiciais ao desenvolvimento biopsicossocial, que acabam contribuindo para aumentar ainda mais a vulnerabilidade social a que continuamente estão expostos.

Outro aspecto considerado e apontado por Bandeira (2002) e Silva et al. (1998), é que a percepção de vulnerabilidade social exige o desenvolvimento de habilidades de enfrentamento, mas que muitas vezes não estão disponíveis, levando-os a se tornarem agressivos e desconfiados, com grande propensão ao uso de drogas, tornando-os ainda mais vulneráveis perante as situações de risco. Dessa maneira, buscou-se conhecer as estratégias de enfrentamento apontadas pelos participantes para enfrentar as situações adversas que identificavam como sendo de risco.

ESTRATÉGIAS DE ENFRENTAMENTO BASEADAS NO PROBLEMA

Com base nos relatos dos participantes buscou-se descrever, inicialmente, os esforços utilizados pelos adolescentes para enfrentar as situações consideradas problema e tentar alterá-las conforme descrito por Lazarus e Folkman (1986); Koller e Raffaelli (2008), para estratégias de enfrentamento baseadas em problema.

De modo geral, destacaram a importância das ligações sociais como a amizade, que proporciona proteção às ameaças vividas nas ruas. Seja a amizade com outros adolescentes que também se encontram em situação de rua, formando grupos para que se protejam mutuamente. Mas também buscaram proteção dos adultos que trabalham ou têm comércio nas regiões por onde costumam permanecer. A amizade estabelecida com os adultos também

costuma estar associada à realização de pequenos serviços e a dispor de um abrigo temporário.

Ah, eu trabalho com o Betão dono do estacionamento, cuido de carros, lavo os carros e ele me paga certinho, ele é gente boa como se fosse um pai para mim, às vezes eu durmo lá num cantinho no estacionamento, pois ele me ajuda muito mesmo e me dá muito conselho sabe (Jorge, 16 anos).

Pode-se perceber no exemplo acima que o adolescente utiliza a habilidade social e a empatia para conquistar sua proteção. Estudos anteriores apontam que crianças socialmente competentes tendem a ser sensíveis e empáticas e estabelecem relações de amizade e habilidades na resolução de problemas (Rizzini, 2007). Dessa maneira, pode-se evidenciar a importância das competências, a empatia e a amizade para o desenvolvimento de estratégias para a sobrevivência de adolescentes que estão vivendo e convivendo em situações adversas, favorecendo-os ao enfrentamento dos riscos e reduzindo a vulnerabilidade social.

Complementando as estratégias já citadas, os participantes consideram essencial conhecer as regras das ruas e assim evitar as situações de risco. Dessa forma, quando percebem que estão em risco, buscam também a rede oficial de apoio comunitária, como Fundação de Ação Social (FAS), igrejas, entre outras. No discurso de Edilson vemos o quanto este adolescente está extremamente vulnerável a todo tipo de violência.

Eu já aprendi as manhas das ruas, conheço tudo por aqui, eu já sofri muito, o cara aqui tem que ser sangue bom e sempre fugir do mal, não dou bobera não dona, não fico aí não. Vou pra casa de meus camaradas, amigão mesmo, que mora na Vila das Torres. Aqui a gente trata todos bem sabe, não fazer encrenca com os caras aí sabe. Eu só saio fora né, já viu, aí procuro um canto longe disso tudo sem zueira, vou para o abrigo da igreja dormir. Lá é muito bom, a gente dorme e toma banho, dão roupas

pra gente, come, toma café com bolacha, as tias lá são muito boa com a gente. (Edilson, 14 anos).

As redes de apoio social desempenham papel importante para estes adolescentes, podendo assim aliviar o sofrimento das violências em que estão expostos. Autores como Brito (1999) e Silva et al. (1998) apontaram que instituições de atendimentos, juntamente com seus funcionários também desempenham um importante papel na rede de apoio social e afetivo dessas crianças. A rede de apoio social exerce profunda influência na saúde e no bem-estar dos indivíduos. No entanto, a família é a primeira e a mais importante fonte de apoio, ao passo que o apoio social fora da família corresponde também a um fator de proteção para uma variedade de riscos durante a infância e a juventude (Gamerzy & Masten, 1994; Koller, 2007).

Mas outras instituições também podem ser elencadas, como a escola que tem importante papel a desempenhar entre adolescentes.

Vou para a escola na parte da manhã, para receber o dinheiro do governo sabe. Pra dizer a verdade a minha vida na escola acabou, aí fico por aqui trabalhando e me divirto muito [...] (João, 16 anos).

Entende-se que este jovem ainda apresentava ligação com a escola, ainda que dissesse que ia à instituição apenas para garantir o dinheiro do programa social. Hetherington e Martins (1986) afirma que as escolas podem atuar como potencial protetor e fonte de apoio social para o desenvolvimento humano, quando conseguem oferecer um ambiente acolhedor e estruturado que proporcione estabilidade para crianças e adolescentes que vivenciam situações adversas em outros contextos.

Por outro lado, Rizzini (2007) e Silva et al. (1998) apontam que o espaço da escola não é atrativo para maioria dessa população. Embora a escola esteja inserida no contexto desses meninos e meninas em situação de vulnerabilidade social, a vinculação com esse

ambiente muitas vezes não é significativa para eles, cuja frequência na escola é esporádica ou então não ocorre. Os dados da presente pesquisa confirmam essa realidade:

[...] não gosto muito de minha escola, pois lá é muito chato e não tem muito que fazer e não gosto de aulas de matemática, estou indo na escola, mas porque minha mãe recebe bolsa escola, ai já viu né se ficar faltando (Carlos, 14 anos).

ESTRATÉGIAS DE ENFRENTAMENTO BASEADAS NAS EMOÇÕES

Nas estratégias utilizadas pelos participantes deste trabalho identificaram-se aquelas relacionadas ao nível somático e de sentimentos, conforme definido por Lazarus e Folkman (1986), em busca da alteração do estado emocional e uma fonte geradora do estresse.

Os adolescentes em situação de rua denotaram competências e habilidades sociais e emocionais, uma vez que mostram a capacidade em manter, mesmo em situações adversas, confiança em si mesmo e na rede composta pela família, amigos e comunidade em que convivem. No exemplo seguinte, além da busca pelas pessoas que compõe sua rede social, o adolescente comenta que utiliza a religiosidade para enfrentar as adversidades.

Fico nas ruas até umas horas na viração né, depois vou dormir na casa de uma tia minha que mora aqui na Vila das Torres, pois, tenho ela como minha segunda mãe, me dá muito conselho, até me leva para a igreja, acho que lá me ajuda muito mesmo. Diz para mim não ficar dando mole nas ruas e que é para mim crer em Deus, para mim vencer (Edílson, 14 anos).

Além das pessoas ligadas a rede social e da religiosidade, os adolescentes também buscam exemplos de vida e de conduta em modelos familiares, geralmente, pessoas com quem mantiveram fortes vínculos afetivos, mesmo já estando falecidos. *“Aqui tem muito perigo, procuro não pisar na bola com as pessoas. Meu pai que já morreu há 3 anos falava sempre para mim que a gente tem que ser honesto na vida”* (José, 13 anos). Teixeira e Rodrigues (2009) utilizam o termo competência social como sendo o entendimento de quais

comportamentos são apropriados para determinadas situações e um esforço no sentido de adequar o comportamento à situação de crianças socialmente competentes, hábeis para entender as normas sociais na interação com os pares e adultos. Nesta perspectiva, este adolescente emprega estratégias de enfrentamento baseadas em suas emoções resgatando assim os modelos de aprendizagem adquiridos em sua família, com base nos modelos de educação em família.

Estudos apontam para o fato que pessoas que utilizam estratégias de enfrentamento, baseadas na emoção, como fonte de apoio social, têm sua autoestima reforçada, o que auxilia na resolução de problemas e conflitos. Desta forma, contribuem para adaptar-se a determinadas situações, como estresse, ajustamento social, enfermidades e a própria adolescência (Antunes & Fonttaine, 2005; Lever & Martinez, 2007; Silva et al., 1998).

Por outro lado, idealizar uma mudança de vida para alcançar um futuro melhor esteve presente na fala de vários entrevistados, sem que conseguissem ordenar um projeto efetivo para que ela ocorresse. *“Penso em ter um trabalho, sair desta vida de loco, mas tá difícil, aqui é correria todos os dias meu Deus. É só Ele mesmo para me ajudar”* (Tales, 13 anos). Com base na fala desse garoto pode-se analisar que a perspectiva futura e o projeto de vida dos meninos em situação de vulnerabilidade social e em situação de rua são diluídas em soluções imediatistas, quando buscam estratégias de enfrentamento para sua sobrevivência e segurança. Como pode se observar no relato abaixo:

Aqui nas ruas a gente tem que ser esperto, a gente não pode dar bobeira se não a gente morre. Então, fico de boa com os camaradas né, que vendem droga. Eu penso em sair daqui sabe, voltar a estudar, ter um trabalho, ganhar dinheiro, comprar uma casa grande sabe, morar com minha mãe e meus irmãos, mais tá difícil, dona. Só Deus mesmo pra me ajudar nesta vida viu. Ah, mais a vida é assim mesmo dona, a gente vai vivendo até que Deus quiser (João, 16 anos).

A naturalização do cotidiano nas ruas também foi entendida como estratégia de enfrentamento, ou seja, mesmo citando as situações em que se sentem vulneráveis, alguns menores não expressaram vontade de mudança. *“Eu não quero mudar minha vida, assim tá bom. Vou me virando aqui nas ruas, ganho um dinheirinho. Só Deus sabe da minha vida”* (José, 13 anos). Viver nas ruas e em condição de vulnerabilidade passa a ser vista como algo “natural”, uma vez que não tem a dimensão de seus direitos de criança e cidadão (ECA, 1990), pois esses adolescentes ainda não têm condições psicológicas para buscar apoio para as adversidades encontradas nas ruas, conformando-se com esta realidade, buscando estratégias pouco convenientes e não realistas. Neste relato (José, 13 anos), traz a religião para fugir de situações estressantes, apontando sua incapacidade de lidar com as situações de risco em que se encontra no contexto das ruas.

Apesar dos adolescentes identificarem os riscos associados ao consumo de álcool e drogas, apontaram que esta é uma estratégia utilizada para enfrentar as dificuldades vividas.

[...] pra dizer a verdade, a minha vida e maneira é, às vezes, um inferno, ai fico por aqui trabalhando e me divirto muito, bebo, sabe, pinga mesmo e maconha para dar uma alegria, né. Esquecer dessa vida de cão. Aqui a gente tem que ficar esperto, ser amigo de todos, não “casquetá” ninguém, senão os cara traficante vem e agente amanhece morto, eu hem, tô fora dessa gente (Joao, 16 anos).

Estudos apontam para o uso de drogas como parte do cotidiano de crianças e adolescentes em situação de rua (Foster, Barros, Tannhauser & Tannhauser, 1992, Neiva-Silva, 2003, Noto et al., 2008), as drogas passaram a cumprir um papel social que permite a inserção do adolescente em uma identidade grupal, protagonizando uma forma mágica, capaz de amenizar o sofrimento, a sensação de angústia e de abandono, além de proteger do estado de tristeza, fome, frio e da dor, mas potencializam os efeitos negativos. E, não tendo a percepção sobre os riscos à que estão expostos a todo o momento, dão lugar a mais

experiências traumáticas, uma vez que estes adolescentes se encontram em um ambiente onde, nele está presente todo tipo de violência física e psicológica.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo buscou identificar as razões para o processo de migração para as ruas, as percepções de vulnerabilidade e os mecanismos de enfrentamento utilizados por adolescentes em situação de rua.

As razões apresentadas para permanecer maior tempo nas ruas foram: a situação de pobreza e/ou viver em famílias emocionalmente desestruturadas, com presença de violência física, psicológica e a perda prematura de um ou ambos os progenitores. Os participantes também mencionaram a falta de oportunidades nas comunidades de origem para o trabalho e para o lazer, o que contribuiu para que buscassem mais estar nas ruas do centro da cidade.

Estes dados apontam para a necessidade de contínuo investimento em estratégias de apoio às famílias que vivenciam problemas de ordem psicossocial que precisam ser identificados o mais precocemente possível, a fim de que o processo de desenvolvimento familiar possa acontecer em ambiente favorável. Para que isto ocorra, faz-se necessário uma ação em rede, acionando os mecanismos comunitários e sociais já existentes como escola, projetos sociais, igrejas, entre outros, de forma a apoiar as famílias em dificuldade, como também oferecendo recursos que fortaleçam os vínculos tanto familiares como comunitários, evitando o distanciamento precoce das crianças e adolescentes de suas famílias.

Uma vez vivendo em situação de rua, os adolescentes constroem estratégias de enfrentamento diante dos problemas percebidos, condizentes com suas singularidades. Ao lado e, provavelmente em função dos perigos e riscos a que estão sujeitos, desenvolvem um conjunto de habilidades interpessoais que se configuram pelo estabelecimento de uma rede de amizades que funcionam como apoios e recursos para o enfrentamento de adversidades. Tal

repertório de habilidades sociais parece contribuir para a eficácia, pelo menos, em curto prazo, das estratégias de enfrentamento para sua sobrevivência nas ruas.

Por outro lado, se as estratégias parecem eficazes para as situações do cotidiano nas ruas, não se verificou nos relatos dos participantes, outras direcionadas para um projeto de vida diferente da condição atual. Vários entrevistados manifestaram o desejo de ter profissão, constituir família e ajudar a família de origem, porém não mencionaram estratégias no presente com vistas a alcançar um objetivo de médio e longo prazo. Houve também, aqueles que naturalizaram a condição atual, considerando-a como uma maneira adequada de seguir a vida, sem manifestar vontade de mudança.

Sobre este aspecto, pensando na interdependência entre pessoa e contexto, ressalta-se a importância de possibilitar aos adolescentes a vinculação com pessoas significativas que funcionam como referência de afeto e modelo para a vida. Entre os participantes deste estudo, os adolescentes buscaram na família de origem a referência para expressar seus desejos futuros, porém na impossibilidade de resgatar estes laços, entende-se a importância de que os adolescentes possam contar com outros adultos, profissionais ou membros da comunidade para apoiá-los na construção de um projeto de vida.

Na atual conjuntura social brasileira, para a solução desta problemática que assola meninos e meninas que vivem em completo abandono, sem serem reconhecidos em seus direitos, devem passar por intervenções, desde a mudança nas políticas econômicas, para combater as desigualdades sociais, bem como a implantação de projetos sociais específicos, que contemplem atendimentos voltados para essa população, com propostas de profissionalização e sua integração na educação formal.

Sugere-se que pesquisadores interessados nesta temática possam dar sequência à pesquisa atual, investigando como adolescentes do sexo feminino, que vivem em situação de rua, percebem os riscos e vulnerabilidades e como as enfrentam.

REFERÊNCIAS

- Abramo, H. W., Freitas, M. V. & Sposito, M. P. (org.). (2010). *Juventude em Debate*. São Paulo: Cortez, pp. 97-109.
- Adorno, R. C. F. (1999). Nem trabalho nem lazer: a rua como ameaça e atração na vida de crianças e jovens das classes populares. In: Ávila, G. E. *O contexto histórico da institucionalização de crianças e adolescentes no Brasil e a sistematização da prática de estágio no Lar São Vicente de Paulo (agosto/2009-julho/2010)*. Serviço Social. Departamento de Serviço Social. Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, 2010.
- Antunes, C. & Fontaine, A. M. (2005). Percepção de apoio social na adolescência: análise fatorial confirmatória da escala social. *Paidéia*, 15 (32): 355-366. Recuperado em 10 nov 2009, de <<http://www.scielo.br/pdf/paideia/v15n32/05.pdf>>.
- Aptekar, L. (1994). Street children in the developing world: A review of their condition. *Cross-Cultural Research*, 28, 195-24.
- Ayres, J. R. C. M.; França Júnior, I.; Calazans, G. J. & Salletti Filho, H. C. (1999). Vulnerabilidade e prevenção em tempos de AIDS. In: Barbosa, R. M.; Parker, R. G. *Sexualidades pelo avesso: direitos, identidade e poder*. São Paulo: Itos 34, p. 49-72.
- Avila, S. F. O. (2005). A adolescência como ideal social. *An. I Simp. Internacional do Adolescente May*.
- Bandeira, L. M. (2002). Equidade de Gênero e políticas públicas: reflexões iniciais. *Caderno Agende*, Brasília/DF, v. 3.
- Bardin, L. (1979). *Análise de conteúdo*. Lisboa/Portugal: Edições 70.
- Becker, D. (1994). *O que é adolescência?*. Coleção Primeiros Passos. São Paulo: Brasiliense. 13. ed
- Botelho, A. P.; Silva, S. L. F.; Kassab, M. J. & Leite, L. C. (2008). Meninos de rua: desafiados em busca de saúde mental. *Psicologia em Estudo*, Maringá, 13 (2): 361-370. Recuperado em 12 mar 2014, de <http://www.scielo.br/pdf/pe/v13n2/a19v13n2.pdf>>
- ECA (1990). *Lei n. 8.069/90*. Dispõe sobre as diretrizes do Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA).
- Brasil. (2008). *Política de inclusão social da população em situação de rua*. Ministério do desenvolvimento social e combate à fome. Brasília. Recuperado em 9 de maio de 2014, de <http://www.cidadeviva.org/anjosdanoite/wp-content/uploads/2010/12/politica-nacional-para-inclusao-social-da-populacao-em-situacao-de-rua-para-consulta-publica.pdf>>.

Brasil. (2006). *Plano Nacional de Promoção, Proteção e Defesa do Direito de Crianças e Adolescentes à Convivência Familiar e Comunitária*. Presidência da República. Secretaria Especial de Direitos Humanos. Ministério do Desenvolvimento Social e Combate a Fome. CNAS. Apoio UNICEF. Brasília.

Brito, R. C. (1999). *Uso de drogas entre meninos e meninas em situação de rua: subsídios para uma intervenção comunitária*. [Dissertação]. Pós-graduação em Psicologia e Desenvolvimento. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, RS.

Campos, T. N.; Del Prette, Z. A. P. & Del Prette, A. (2000). *(Sobre)vivendo nas ruas: habilidades sociais e valores de crianças e adolescentes*. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 13 (3): 517-527.

Coimbra, C. M. B. & Nascimento, M. L. (2003). Jovens pobres: o mito da Periculosidade. In: Fraga, P. C. P., Iulianelle, J. A. S. (Orgs.). *Jovens em Tempo Real*. Rio de Janeiro: DP&A.

Donald, D. (2006). Crianças das ruas da África do Sul. *Psicologia, Reflexão e Crítica*. 9 (1): 59-82.

Dugan, T. & Coles, R. (1989). *The child in our times: studies in the development of resiliency*. New York: Bruner/Mazel, p. 56-80.

Ennew J. (1994). Street and working children: a guide to planning. *Save the Children*, London.

Foster, L. M. K., Barros, H. M. T., Tannhauser, S. L. & Tannhauser, M. (1992). Meninos na rua: relação entre o uso de drogas e atividades ilícitas. *Revista da ABP - APAL*, 14,115-120.

Gamerzy, N. & Masten, A. (1994). *Chronic adversities*. In: Rutter, M. E., Taylor & L. Herson (orgs). *Child and adolescence psychiatry*. Oxford: Blackwell Scientific Publication (p.191-207).

Guareschi, N. M. F. (2001). Pesquisa em Psicologia Social: de onde viemos para onde vamos. In N. E. E. Rivero (Org.), *Psicologia Social: estratégias, políticas e implicações*. Porto Alegre: Evangraf/Abrapso-Sul, pp. 119-130.

Guareschi, N. M. F., Reis, C. D., Huning, S. M., & Bertuzzi, L. D. (2007). Intervenção na condição de vulnerabilidade social: um estudo sobre a produção de sentidos com adolescentes do programa do trabalho educativo. *Estudos e Pesquisas em Psicologia*, 7 (1): 17-27.

Hetherington, E. M. & Martins, B. (1986). Family factors and psychopathology in children. In: H. C. Quay & J. S. Werry (eds.). *Psychopathological disorders*. New York: John Wiley & Sons (pp.332-390).

Kafrouni, R. (2009). *A dimensão subjetiva da vivência de jovens em programa social: contribuição à análise de políticas públicas para a juventude*. Tese de Doutorado. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC/SP).

Koller, S. H. (org.). (2007). *Ecologia do desenvolvimento humano: pesquisa e intervenção no Brasil*. Porto Alegre: Casa do Psicólogo, p.219-244.

Lazarus, R. S. & Folkman, S. (1986). *Estrés y procesos cognitivos*. Barcelona: Martinez Roca.

Lever, J. P. & Martinez, Y. I. C. (2007). Pobreza y apoyo social: um estudio comparativo em tres niveles socioeconómicos. *Revista Interamericana de Psicologia*, 41 (2): 177-188.

Malvasi, P. A. (2008). ONGs, vulnerabilidade juvenil e reconhecimento cultural: eficácia simbólica e dilemas. *Interface Comunicação, Saúde e Educação*, 12 (26): 605-17.

Menezes, G. & Aquino, E. M. L (2009). Pesquisa sobre o aborto no Brasil: avanços e desafios para o campo da saúde coletiva. *Cad. Saúde Pública*, 25, Suppl.2: 193-204.

Milani, F. M. (1991). *O adolescente, a família e a escola: uma visão integrada*. Congresso Nacional. A saúde do adolescente. Rio de Janeiro: Academia Nacional de Medicina, pp.389-402.

Minayo, M. C. S. (1998). *O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde*. São Paulo/Rio de Janeiro: Hucitec-Abrasco.

Morais, N. A., Koller, S. H. & Raffaelli, M. (2010). Eventos estressores e indicadores de ajustamento entre adolescentes em situação de vulnerabilidade social no Brasil. *Universitas Psychologica*, 9 (7):87-6.

Morais, N. A.; Neiva-Silva, L. & Koller, S. H. (2010). *Endereço desconhecido: crianças e adolescentes em situação de rua*. São Paulo: Casa do Psicólogo.

Neiva-Silva, L. (2003). *Expectativas futuras de adolescentes em situação de rua: Um estudo autofotográfico*. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-Graduação em Psicologia do Desenvolvimento. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, RS.

Noto, A. R., Galduróz, J. C. F., Nappo, S. A., Fonseca, A., Carlini, C., Moura, Y., & Carlini, E. A. (2008). *Levantamento nacional sobre o uso de drogas entre crianças e adolescentes em situação de rua nas 27 capitais brasileiras – 2003*. Centro de Informações sobre Drogas Psicotrópicas. Universidade Federal de São Paulo.

- Oliveira, M. L., Ribeiro, I., Castro, A. L., Olinda, E., Aoki, M., Alves, M. A., Freitas, F., F., & Cláudia, W. (2010). *A escuta de crianças e adolescentes envolvidos em situação de violência e a rede de proteção*. Conselho Federal de Psicologia/Conselho Federal de Psicologia. Brasília: CFP, 124p.
- Ozella, S., Aguiar, W. M. J. (2008). Desmitificando a concepção de adolescência. *Cadernos de Pesquisa*, 21(2): 187-195.
- Pereira, S. E. F. N. (2009). *Redes sociais de adolescentes em contexto de vulnerabilidade social e sua relação com riscos de envolvimento com o tráfico de drogas*. Tese de Doutorado em Psicologia clínica e cultura. Instituto de Psicologia. Universidade de Brasília. 320f.
- Raffaelli, M. (1999). Street youth in Latin America: a developmental review. *Interamerican Journal of Psychology*, 32: 7-28.
- Rizzini, I. (2007). *Deserdados da sociedade: os meninos de rua na América Latina*. Rio de Janeiro: Usu Editora Universitária.
- Ronin, Y., & Greenbaum, C. W. (eds.). (2008). *The case for the child: Towards a new agenda*. Antwerp, Belgium: Intersentia, pp.179-200.
- Silva, A. S., Reppold, C. Tozzi., Santos, C. L., Prade, L. T., Silva, M. R., Alves, P. B., & Koller, S. H. (1998). Crianças em situação de rua de Porto Alegre: um estudo descritivo. *Psicologia, Reflexão e Crítica*. Porto Alegre, 11(3): 441-447.
- Smelser, N. J. & Baltes, P. B. (Eds.). (2001). *International Encyclopedia of Social & Behavioral Sciences*. Stanford: Pergamon/Elsevier.
- Teixeira, S. M. & Rodrigues, V. S. (2009). Modelos de família entre idosos: famílias restritas ou extensas? *Revista Brasileira de Geriatria e Gerontologia*, 12 (2). Recuperado em <http://www.crdeunati.uerj.br/img_tse/v12n2/pdf/art_7.pdf>. Acesso em 23/12/2013.
- Unicef. (2011). *O direito de ser adolescente: oportunidade para reduzir as vulnerabilidades e superar as desigualdades*. Fundo das Nações Unidas para a Infância. Brasília, DF.
- Venâncio, R. P. (2008). *Famílias Abandonadas: assistência à criança de camadas populares no Rio de Janeiro e em Salvador – séculos XVIII e XIX*.

ANEXOS

Roteiro da Entrevista

Nome:

Idade:

Sexo:

Escolaridade:

- 1) Você está na rua há quanto tempo?
- 2) Você mora e vive na rua ou tem família?
- 3) Por que veio para a rua?
- 4) Você poderia me contar sobre um dia de sua vida na rua?
- 5) Quais dificuldades ou perigos enfrenta?
- 6) Quando você sente essas dificuldades ou se sente desprotegido o que faz? Você procura quem?
- 7) Como você faz para se sustentar? O que faz?
- 8) Frequenta a escola?
- 9) Como é frequentar uma escola?
- 10) Como é a sua família?
- 11) Na sua comunidade oferecem atividades para pessoas da sua idade? Quais?
- 12) Você participa de algum grupo ou atividade oferecida? Por quê?
- 13) Você está convivendo com alguém?
- 14) Você já esteve em algum abrigo?

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Resolução nº 196/96 – Conselho Nacional de Saúde

Você está sendo convidado para participar da pesquisa intitulada: PERCEPÇÃO DE VULNERABILIDADE E RECURSOS DE ENFRENTAMENTOS UTILIZADOS POR ADOLESCENTES EM SITUAÇÃO DE RUA. A pesquisa identificar as situações nas quais se sente vulnerável e as ações tomadas a partir disto e tem a finalidade de gerar subsídios teóricos para a orientação de profissionais que atuam com esta realidade e de políticas públicas que venham a beneficiar esta população.

Suas respostas serão tratadas de forma anônima e confidencial, isto é, em nenhum momento será divulgado o seu nome em qualquer fase do estudo. Quando for necessário exemplificar determinada situação, sua privacidade será assegurada uma vez que seu nome será substituído. Os dados coletados serão utilizados apenas nesta pesquisa e os resultados poderão ser divulgados em eventos e/ou revistas científicas.

Sua participação nesta pesquisa é voluntária e você não terá nenhum custo ou quaisquer compensações financeiras.

Sua participação consistirá em responder as perguntas a serem realizadas sob a forma de entrevista. Perante autorização, a entrevista será gravada em equipamento mp4 para posterior transcrição – que será guardada por cinco (05) anos e incinerada após esse período.

Existe o risco de um possível constrangimento diante de alguma pergunta formulada pelo pesquisador, se isso ocorrer, você poderá se recusar a responder ou retirar seu consentimento a qualquer momento, sem precisar justificar, e se desejar sair da pesquisa, não sofrerá qualquer prejuízo. Caso seja detectado desconforto emocional durante a realização da entrevista, decorrente ou não da entrevista, a pesquisadora poderá indicar formas de assistência psicológica. Não existe nenhum benefício direto, relacionado à sua participação na pesquisa, apenas estará contribuindo para aumentar o conhecimento científico para a área da psicologia comunitária.

Caso deseje receber informações e esclarecimentos adicionais sobre o estudo e seus resultados, bem como tirar as suas dúvidas quanto a sua participação, agora ou a qualquer momento você poderá entrar em contato pelo celular (41) 96496875.

Desde já agradeço!

Ignez Faustino Schuber
(Pesquisadora Responsável)

Curitiba, ____ de _____ de 2012.

Declaro estar ciente do inteiro teor deste TERMO DE CONSENTIMENTO e estou de acordo em participar do estudo proposto, sabendo que dele poderei desistir a qualquer momento, sem sofrer qualquer punição ou constrangimento.

Participante da Pesquisa: _____